

Notas sobre a popularização do futebol em salvador, 1901 – 1912

Henrique Sena dos Santos¹

Mestrando em História/Universidade Estadual de Feira de Santana/ Bolsista da FAPESB

Resumo

Neste trabalho analisamos alguns aspectos que abarcaram a difusão e popularização do futebol em Salvador entre 1906 e 1912. Através da leitura de jornais da época indagamos como este esporte, introduzido pelas elites locais em um esforço civilizatório, foi apropriado pelos populares e incorporado ao seu universo cultural constituindo-se, portanto, em uma forma de resistência popular à hegemonização de uma cultura moderna pelas elites. Embora pensada por e para as classes altas, o futebol foi ressignificado pelas classes populares. A expansão deste esporte, seguramente, surpreendeu as elites, que o entendia enquanto um elemento de distinção social. Ao final, consideramos que a difusão do futebol, para além da intenção dos seus idealizadores, foi possível graças à lógica do jogo. Constituída de regras simples e materiais que podiam ser facilmente adaptados, o futebol gozava de grande inteligibilidade, o que certamente facilitou a sua popularização numa dimensão talvez não desejada pelas elites soteropolitanas.

Palavras-chave: Futebol; Salvador; Popularização; Cultura Popular

Abstract

In this work, we analyze some aspects that involved the diffusion and popularization of the foot-ball at Salvador between 1906 and 1912. Through the reading of newspaper of the time, we inquire how this sport, introduced by the local urban elites as a civilization effort, was appropriated by the popular groups and incorporated to the cultural universe of them, constituting itself, therefore, in a way of popular resistance to hegemony of modern culture by the elites. Though thought by and for the high classes, the foot-ball was re-meant by the popular classes. The expansion of this sport, certainly, surprised the elites, who understood the foot-ball as a social distinction element. At the end, we consider that the diffusion of the foot-ball beyond of the creators's intentions was it possible thanks the game logic. Composed of simple rules and materials that could be easily adapted, the foot-ball enjoyed of great intelligibility that which certainly facilitated its popularization in one a dimension perhaps unwanted by the local elites.

Keywords: Foot-ball, Salvador; Popularization; Popular Culture

¹ Mestrando em História – Universidade Estadual de Feira de Santana – BA. Integrante do Sport: Laboratório de História do Esporte e do Lazer – PPGHC /UFRJ. e-mail: henrisena@hotmail.com

Apresentação: a cultura popular do futebol em Salvador

Em 1903 uma determinação da Intendência Municipal limitando a prática do futebol a alguns espaços em Salvador parece revelar a dimensão que este esporte começava a adquirir entre outros grupos sociais diferentes das elites:

FUTEBOL – Resolvendo o pedido feito pela Secretaria da Polícia sobre Pontos onde possa ser efetuado jogo de futebol sem prejuízo da propriedade particular, conforme reclamações levantadas, a Intendência Municipal designou-se os seguintes pontos para realizar-se aquela diversão: Campo dos Mártires, no distrito de Nazaré; Quinta da Barra, no distrito da Vitória; Fonte do Boi, no distrito de Brotas; Largo do Barbalho, no distrito de Santo Antônio; e Largo do Papagaio, no distrito da Penha (Maia, 1944: 8-9).

A princípio, assim como as elites, as camadas populares se interessaram pelo futebol por curiosidade. Nos primeiros anos do futebol em Salvador o envolvimento popular era mais pela via do espectador, acompanhando as partidas amistosas.² Porém, a partir de 1903, a população em geral já assimilava de forma mais intensificada a experiência do esporte. Neste sentido, a determinação da Intendência visava uma limitação da atividade pelos populares.

Contudo, as tentativas de regulação pareciam ineficazes. Assim como as elites urbanas, introdutoras do futebol em Salvador, os grupos populares também se interessaram pelo futebol e gradativamente fundaram suas instituições futebolísticas como clubes e ligas. Nas próprias regiões delimitadas pela Intendência Municipal já ocorriam partidas entre times formados por pequenos comerciantes e trabalhadores. Além disso, a prática do futebol por estes transcendia o caráter institucional. A partir de 1906, encontramos nos jornais uma quantidade significativa de queixas em relação ao futebol praticado nas ruas, indicando que o esporte passou a ser praticado em espaços desautorizados pelos poderes públicos. Nestes casos a prática não se dava através de clubes ou campeonatos, mas por garotos e adultos, chamados frequentemente de moleques e vadios que, nas ruas, nas praças e outros

² Na literatura futebolística baiana, considera-se que o futebol em Salvador foi introduzido por Zuza Ferreira em 1901 quando este voltou de estudos na Inglaterra e trouxe consigo bolas e manuais de futebol. Contudo, o jornalista Ricardo Azevedo (2008) afirma que antes da chegada de Zuza Ferreira tal esporte já era praticado na cidade, na Faculdade de Medicina da Bahia como exercício físico por estudantes.

logradouros públicos, praticavam o futebol utilizando materiais improvisados como pedras para as traves e meias como bolas.

Enfim, a rápida incorporação de uma atividade pensada para servir os propósitos civilizatórios, pelos grupos populares demonstra como a cultura popular em Salvador buscou se relacionar de modo original e dialógico frente às tentativas de modernização da cidade empreendidas pelas elites.

Como já discutido na historiografia, nos finais do século XIX e início do século XX os esportes ocuparam um lugar importante na formação da sociedade brasileira. As primeiras décadas republicanas experimentaram um processo de ruptura de um passado colonial/monárquico passando a compreender a vivência de novas experiências socioculturais, como o novo regime político e a tentativa de acompanhar os ideais europeus de civilidade e modernidade (Sevecenko, 1992). Neste sentido, os esportes, juntamente com os processos de modernização e urbanização das grandes cidades brasileiras, se configuraram na sociedade enquanto um fenômeno social que contribuiu para a constituição e afirmação de novos valores, estes antagônicos a um passado colonial/monárquico (Melo, 2001) Para os seus primeiros entusiastas, os esportes contribuíram também para a construção de distinções sociais, diferenciando os seus praticantes, as elites urbanas das camadas populares (Elias & Dunning, 1992).

O futebol, em especial, afirmaria novos valores culturais europeizados. O cultivo racional e metódico do corpo que o esporte oferecia, bem como festas e confraternizações oportunizadas pelos clubes esportivos são exemplos de sensibilidades e sociabilidades ligadas à civilização e modernidade que representavam um sistemático esforço de consolidação de uma nova classe e cultura de classe no recente cenário republicano. Em Salvador o futebol teve, como nas principais cidades brasileiras, um começo associado aos jovens endinheirados, estudantes da Escola de Medicina, industriais, grandes comerciantes e profissionais liberais

que buscavam a no futebol, “para além de uma atividade física moderna e civilizada, uma distinção social e racial” (Fonseca, 2002: 59) A introdução desta e de outras práticas esportivas modernas situavam-se no contexto de modernização das relações sociorraciais da capital da baiana, o que envolvia a redefinição da noção de lazer e, principalmente, a perseguição e repressão às práticas lúdicas populares.

Até então alguns setores das classes altas tinham a disposição formas de lazer como os carnavais, as festas religiosas e cívicas. Os entrudos, procissões religiosas e outras formas de entretenimento consideradas ultrapassadas/desatualizadas deveriam ser substituídas pelas diversões da moda, como o cinema, os carnavais de máscaras inspirados em Veneza, os bailes noturnos, os chás dançantes, as soirées e o *footing*³ e finalmente o *foot-ball* e os outros esportes. Todas estas atividades também denotavam os anseios das elites em demarcar o seu lugar e o dos populares no novo cenário do lazer na Bahia.

Para consolidar as novas formas lúdicas, os empresários, industriais, profissionais liberais, acadêmicos e intelectuais, além de repensarem seus próprios modos de entretenimento, partiram para um processo sistemático de repressão às formas de lazer populares.⁴ Consideradas perniciosas, tais diversões eram perseguidas pelos órgãos autoritários por contrastar com o ideal de civilidade e modernidade que as elites almejavam para suas experiências lúdicas. Ademais, era marcado por uma influência africana, o que definitivamente maculava o sentido de entretenimento das classes altas inspirados em padrões brancos europeus. Por fim, a capoeira, sambas e batuques, serestas, jogos de azar e outros brinquedos populares, que encontravam nos logradouros públicos o seu principal espaço de

³ Termo que corresponde aos passeios públicos realizados pelas senhorinhas. Os passeios pelas ruas modernas de Salvador como a Rua Chile para ver as novidades nas vitrines das lojas ou apreciar guloseimas geladas em sorveterias era denominado de *footing*. Sobre o termo no contexto baiano ver Barreiros (1997) que analisa o *footing* praticado pelas mulheres de elite em Salvador no início do século XX.

⁴ Na historiografia baiana, o processo de repressão às práticas populares e negras ficou conhecido pelo termo de “desafricanização” da cultura baiana. Expressão cunhada por Alberto Heráclito Ferreira Filho (1998 – 1999) diz respeito a uma série de práticas repressoras e perseguidoras à cultura negra e popular. Neste contexto, a ordem policial passou a reprimir os candomblés, a capoeira, o jogo do bicho devido ao fato destas práticas serem contraditórias ao projeto de modernidade. Rinaldo Leite (1996) em sua dissertação levanta informações sobre as principais práticas populares naquele período.

manifestação, deveriam ser eliminados por se utilizar das praças e ruas: espaços que agora reivindicados por senhorinhas e senhores de cartola para o cultivo de uma cultura moderna, deveriam ser necessariamente limpos, higienizados e agradáveis.

Enfim, toda a sistemática e estratégica tentativa de hegemonização de uma cultura moderna inclusive fez com que alguns historiadores acreditassem no seu poder de repressão às práticas populares.⁵ Porém, ao contrário do que pensavam os projetistas e higienistas, tais manifestações, algumas africanizadas, não foram varridas com a chegada das intervenções e remodelações do espaço físico e das relações sociais. As principais práticas culturais consideradas populares neste período como o jogo do bicho, a capoeira, as serestas, o candomblé e os *charivaris*⁶ estabeleceram uma relação conflituosa já nos finais do século XIX. (Reis, 1991; Fraga Filho, 1996).

O período colonial/monárquico possibilitou o surgimento de grupos sociais subalternizados que contribuíram para a formação de uma cultura popular relativamente autônoma. Aqueles, historicamente constituídos por negros (as), brancos (as), escravos, libertos, trabalhadores livres, pequenos comerciantes, entre outros, chegaram às primeiras décadas republicanas como representantes de uma cultura popular e criativa (Chalhoub, 1986; Velloso, 2004) Todavia, a forma como se dava a relação de conflito não era marcada por uma dicotomia que antagonizava binariamente os ideais modernos e as tradições populares. Pelo contrário, esta encontra sentido quando entendemos que os populares, na manutenção de suas tradições e formas de sociabilidades, constantemente reinventavam suas práticas, adequando, adaptando, resistindo e negociando-as com as formas sempre atualizadas de repressão, controle e dominação. Parece-nos equivocado, pensar uma cultura popular pura, imutável ou enraizada em suas tradições. Neste sentido, é inevitável pensá-la permanentemente envolvida

⁵ Alguns autores como Jorge Uzeda (1992) e Jurandir Costa (1983) em seus trabalhos consideravam demasiadamente o poder da cultura moderna que desconsideraram completamente a resistência popular.

⁶ No contexto da Primeira República, o termo *charivari* diz respeito às manifestações populares marcadas pela reunião de várias pessoas para a prática de sambas, serestas e outros tipos de divertimentos considerados barulhentos pelas elites soteropolitanas.

em traduções, hibridismo e circularidades (Bakhtin, 1993; Canclini, 2006). Seguindo a conceituação de Stuart Hall (2003) entendemos que, para além de uma concepção no qual poderíamos verificar e/ou inventariar práticas que, de acordo com o seu conteúdo, poderiam ser consideradas como populares é mais útil e empiricamente constatável pensar a cultura popular enquanto um terreno de luta. O valor da concepção de Hall (2003) “reside em ser um terreno de luta pelo poder, de consentimento e resistências populares, abarcando assim, elementos da cultura de massa, da cultura tradicional e até das culturas hegemônicas” (2003: 349). Enfim, é neste sentido que podemos entender o futebol no terreno da cultura popular.

Embora, a chegada do esporte bretão em Salvador esteja associada aos projetos modernos e civilizatórios, a sua rápida incorporação pelos moleques de rua, vadios, peraltas e pessoas modestas indica como estes buscaram se apropriar de práticas modernas, resignificando-as através da atribuição de novos sentidos.⁷ A prática do futebol nas ruas foi uma das formas dos populares manterem-nas como um espaço do lúdico e da algazarra, assim como ocorria com a capoeira, os sambas e batuques.

Tendo em mente esta concepção podemos entender como o futebol além de se constituir enquanto um projeto moderno de civilização da sociedade soteropolitana, também esteve a serviço de uma cultura popular inventiva reexistente.

É preciso salientar que a cultura popular soteropolitana era formada de diversos elementos que de algum modo acabaram influenciando na constituição de novos sentidos para o futebol. (Ferreira Filho, 1999) A maioria das práticas populares encontra na rua o lugar principal para a sua vivência, tornando-a um espaço de sociabilidades em comum para reunião de adultos, mulheres e homens, além das crianças (Ferreira Filho, 1994; Rodrigues, 2003). Estes sujeitos é que provocavam, segundo os jornais da época, algazarras, confusões e brigas. Os capoeiras, por exemplo, constantemente se reuniam para a vivência daquela

⁷ Raimundo Fonseca (2002) a partir da análise dos cinematógrafos observou como os populares se apropriavam também desta prática moderna.

atividade, resultando, segundo os jornais, quase sempre em brigas, confusões e perseguições policiais (Oliveira, 2005). O mesmo pode ser dito das serestas, dos *charivaris*, do candomblé (Braga, 1996) e até dos fogos de artifício no São João (Leite, 1996: 110 - 141). Facilmente encontramos inúmeras notícias repreendendo estas atitudes. Todas coexistiam antes mesmo do advento do futebol em Salvador, sendo muitas vezes compartilhadas entre os sujeitos. Seguramente contribuíram para oferecer novos valores para a prática futebolística. Podemos pensar, portanto, no futebol não apenas como uma prática moderna/civilizatória, mas também como um esporte que contribuiu para as sociabilidades populares, bem como recebeu contribuições destas.

Finalmente, tendo como contexto o conflito dialógico envolvendo o surgimento das práticas modernas e resistência da cultura popular na Salvador republicana, a proposta deste artigo é analisar alguns aspectos que envolveram difusão e popularização do futebol na capital baiana entre 1906 e 1912. Através da análise de editoriais, notas jornalísticas e relatos memorialísticos, investiga-se como este esporte, introduzido pelas elites locais em um esforço de modernização civilização dos costumes, foi apropriado pelos populares e incorporado ao seu universo cultural constituindo-se, portanto, em resistência frente à hegemonização de uma cultura moderna pelas elites. A crítica à prática do futebol nas ruas pelos então chamados de vagabundos e vadios e a formação de clubes e ligas menores, além da constante e considerada incômoda presença popular no futebol organizado pelos clubes das elites foram situações localizadas nos periódicos, nas quais foi possível perceber como esta prática, foi re-significada por operários, trabalhadores modestos, meninos de rua, entre outros sujeitos. Essa expansão, seguramente, surpreendeu as elites, que pensavam o futebol enquanto um elemento de distinção social. Ao final, é possível considerar que a difusão desta prática, para além da intenção dos seus idealizadores, foi possível graças à lógica do jogo. Constituída de regras simples e materiais que podiam ser facilmente adaptados, a prática do futebol era dotada de

uma considerável inteligibilidade o que certamente facilitou a sua popularização numa dimensão talvez não desejada pelas elites soteropolitanas. É hora de avançar e ver como ocorriam as apropriações em torno do futebol soteropolitano.

“Desordens, desastres”, etc.. O *foot-ball* nas ruas

Em um primeiro momento o que caracterizava a prática do futebol pelos populares era a sua ocorrência nas ruas. Apenas um ano após a criação do campeonato do futebol da Liga Bahiana de Sports Terrestres, LBST⁸, em 1905, os jornais começaram a criticar sistematicamente as crianças e adultos que praticavam o futebol em diversos logradouros públicos da cidade. Comumente os jornais *Diário de Notícias* e *Gazeta do povo* denominavam o jogo dos populares de *foot-ball de garotos*, *foot-ball de vadios*, *foot-ball de vagabundos* ou *foot-ball prejudicial*. A insatisfação dos periódicos parece estar ligada ao fato de que o futebol praticado pelos populares não seguia as limitações da Intendência, tampouco a forma como as elites jogavam com suas regras, bolas, traves e outros materiais importados. Além disso, não seguia horário e nem tinha um local específico, desrespeitando, segundo os jornais, as pessoas e propriedades. Com isso, as críticas ao futebol de rua partiam também das próprias pessoas ofendidas ou de sujeitos que tinham suas casas e estabelecimentos comerciais danificados por uma bola, pedra ou algum outro objeto. Em sete de novembro de 1906, o *Diário de Notícias* publicava uma nota dizendo:

Foot-ball de garotos

Continua desenfreiado e insupportavel o *foot-ball* dos garotos, que absolutamente não attendem a circumstancias de ocasião nem de logar, com o que prejudicam ernomemente as virdaças das casas, as plantas dos jardins publicos e a tranqüilidade dos transeuntes. É uma vergonha uma verdadeira miséria.⁹

⁸ A Liga Bahiana de Sports Terrestres foi criada em 1904 pelos clubes da elite de Salvador. Entre eles estavam o Vitória, clube dos industriais da Família Tarquínio e Martins Catharino; São Salvador, clube dos grandes comerciantes da cidade e Internacional composto por ingleses residentes na capital. A primeira edição do torneio foi 1905 e este durou até 1912 devido a intensa popularização.

⁹ Jornal *Diário de Notícias*, Salvador, 07 de novembro de 1906.

A data em que o jornal publicou a crítica foi uma quarta-feira, o que sugere a inexistência de um dia específico para o brinquedo. Ao passo que as elites apenas jogavam nos domingos e treinavam nas quintas, o futebol nas ruas não tinha um dia certo para ocorrer. Nesta mesma nota encontramos a insatisfação de um cavalheiro que foi à redação do jornal se queixar do “prejuízo que lhe têm causado os terríveis vadios que um dia destes lhe deram forte pancada com uma lata e hoje o iam atirando ao chão com formidável trompaço.”

Existiam outras características no *foot-ball de vadios* que configuravam um sentido próprio à prática e, em alguns momentos, contraditórios ao futebol moderno. Observem que na brincadeira acima deduzimos que uma lata estava substituindo a bola. Em muitas outras notas aparecem relatos de garotos chutando, um pano velho, uma bola de meias e até bexigas de bois. Nas ruas os apetrechos utilizados para uma partida eram sensivelmente diferentes dos das elites. Ao passo que os jovens e adultos burgueses, em um esforço de distinção social, consumiam bolas, uniformes, e traves importadas e vendidas nas principais casas comerciais da cidade, os populares faziam o jogo com os recursos disponíveis.

A facilidade com que os populares reinventavam os materiais para o futebol é explicada pela simplicidade do jogo. Diferente de outros esportes que careciam de grandes investimentos para a compra dos apetrechos, ao futebol bastava qualquer objeto esférico para a bola, além de pedras, sapatos e paus para as traves. O campo poderia ser qualquer área e seus limites geralmente eram as calçadas, as linhas do bonde ou algum outro ponto de referência.¹⁰ Obviamente a facilidade de adaptar materiais favoreceu consideravelmente a difusão do futebol entre os populares. Enfim, as apropriações do futebol por estes grupos se constituíam enquanto uma reinvenção do aparato tecnológico e dos usos e abusos dos espaços oficialmente negados pelas instituições (Certeau, 1994).

¹⁰ Ainda hoje nas peladas os limites dos campos improvisados como nas praias, onde o limite lateral é o próprio mar!

Outra diferença em relação ao futebol das elites que constantemente surgia nos jornais era a linguagem verbal e corporal. No repertório comportamental do futebol civilizado, não existiam muitos espaços para confusões, brigas e desentendimentos, prevalecendo a disciplina e o cavalheirismo. Contudo, nas ruas, os jornais sempre destacavam brigas, ofensas, xingamentos e a linguagem vulgar entre os garotos e vadios. O *Diário de Notícias*, em uma de suas críticas ao *foot-ball de garotos*, relatou uma queixa da população de S. Bento, Victoria, Sant'Anna e Aflictos de “capadocios que se reúnem aos magotes, formam grupos enormes e numa algazarra infernal, entre vozeiras e indecências proferidas sem o mínimo respeito às famílias”. O jornal ainda salientou que tais práticas “sempre nocivas começavam por danos e terminavam em brigas e desordens.”¹¹ Ao que parece, as brigas estavam relacionadas a noção de competitividade que entre os populares começava a surgir. Como não existiam juízes para resolver os impasses do jogo, acredito que os próprios envolvidos tentavam resolver as querelas ao seu modo, chegando a consequências perigosas em algumas ocasiões. Outra hipótese era que as brigas e ofensas que ocorriam nestes jogos eram tentativas de resoluções de conflitos de outras situações nos quais estavam envolvidos os jogadores. Para Sidney Chalhoub, (1986) eram nos botequins e em outros ambientes que permitiam a reunião de populares que as rixas e conflitos entre estes sujeitos eram resolvidos seguindo lógicas e códigos próprios que as autoridades preferiam resumir em atos bárbaros e incivilizados. Neste sentido, o futebol de rua surgia como mais um espaço oportuno para os rivais resolverem suas querelas ao seu modo.

Tais consequências na maioria das vezes também envolviam pessoas que nada tinham a ver com o divertimento. Comenta o *Diário de Notícias* que o mesmo “distinto cavalheiro” citado acima, ao censurar “os trantantesinhos a sua extravagância e falta de educação, estes se insurgiram, maltratando-o com palavras grosseiras.”¹²

¹¹ Jornal *Diário de notícias*, Salvador, 07 de novembro 1906.

¹² Jornal *Diário de notícias*, Salvador, 07 de novembro 1906.

Pela insatisfação dos jornais, fica evidente que o sentido do futebol conferido pelos populares deturpava a função primordial da prática pensada pelas elites. Como um *sport*, o futebol deveria ser realizado metodicamente. Seus objetivos deveriam ser o desenvolvimento saudável e racional do corpo rumo à civilidade. Ao ser praticado pelos vadios, o sentido pedagógico da prática dava lugar a um caráter lúdico e desprezioso, resultando nas queixas dos periódicos:

Creanças, que regulam de 7 a 12 annos, abandonam os livros nos degrãos da igreja de S. Pedro dos Clérigos ou no passeio do jardim daquela praça e mettem-se no brinquedo, do qual não raro têm provindo desaguizados, lutas corporaes, palavradas e ás vezes ferimentos!
E quanto aos desastres materiais, não têm conta: vidros quebrados, transeuntes atropellados pelos sportmens vadios e outros muitos inconvenientes, que varias pessoas nos têm vindo denunciar, as quaes, como nós, protestam indignadas contra essa ampla liberdade que se dá a desocupados e peraltas.¹³

Nesta nota há uma clara lamentação em perceber que o futebol popular estava tirando as crianças das escolas, um espaço pedagógico por excelência. Por sua vez, os desastres morais e materiais eram tudo o que o futebol das elites não pregava: uma atividade que, ao invés de elevar o espírito humano, estava rebaixando-o.

Devido a intensa incorporação do futebol na cultura popular e uma dita deturpação de sentidos, é possível ler nos jornais a repulsa à difusão do futebol e principalmente a tentativa de diferenciar e hierarquizar o modo como as elites e os populares o praticavam. As críticas dos jornais eram, portanto, um esforço em apresentar ao leitor desavisado que a prática popular daquele esporte não deveria ser confundida com o modo como as elites, verdadeiras conhecedoras do espírito do futebol, o praticavam. O *Diário de Notícias* de 19 de julho de 1906 se queixou de “capadocios que, sem a minima noção do que seja o bello e util jogo do *foot-ball* vivem por ahi a quebrar vidraças das casas e das igrejas.”¹⁴ O diário concluiu que “o gosto pelo sport que, em boa hora, se vae firmando entre nós é o primeiro a

¹³ Jornal *Diário de Notícias*, Salvador, 20 de junho de 1906.

¹⁴ Jornal *Diário de Notícias*, Salvador, 19 de julho de 1906.

perder com a investida da garotada, cujo maior prazer é dar com o pé em um pau, em um objecto qualquer de encontro a uma vidraça, a um lampeão.”¹⁵

O processo de hierarquização e distinção entre o futebol das elites e o dos populares era fundamental, visto que nem toda a população conhecia a fundo o esporte. Com os populares paulatinamente se apropriando do jogo, os praticantes do futebol “correto” corriam o risco das pessoas que não faziam parte daquele cotidiano ter uma impressão negativa do esporte. Neste sentido, os jornais constantemente buscavam comparar e distinguir o futebol “saudável”, praticado regularmente e dentro das normas pelos grandes clubes e o seu campeonato, do futebol nocivo e desordeiro dos vadios, garotos e capadócios. Mais uma vez o *Diário de Notícias* argumentava que:

Enquanto os clubs regulares de *foot-ball* escolhem logares proprios para seus exercícius, os capadócios, os moleques e os vadios de toda especie abusam desse sport, jogando onde querem e como entendem, em qualquer praça ou rua da capital sem que, por isso, a policia os chame á ordem ou ao menos procure evitar as desordens e os desastres moraes e materiaes que resultam de tão condenavel pratica.¹⁶

Diante da impossibilidade de extinguir a prática do futebol nas ruas, os jornais buscaram comparar os dois modos de vivenciar o futebol. Na nota acima há uma tentativa de esclarecer para a população em geral que existiam na cidade modos de praticar o futebol: um associado à civilização, ao bom comportamento, regulamentado, organizado por clubes e jogado em lugares próprios para a sua realização; outro caracterizado pelas desordens, confusão e desrespeito às pessoas e propriedades. Enfim, os jornais queriam deixar claro que existia um “bom futebol” e um “mau futebol”.

Embora seguramente seja possível afirmar que naquele momento existiam dois modos de praticar o futebol, estes dialogavam entre si, circulando entre as diferenças sociais da cidade. Para os populares, a diferença entre o bom e o mau futebol pouco importava, gradativamente eles estavam participando e interferindo no “bom futebol”.

¹⁵ Jornal *Diário de Notícias*, Salvador, 19 de julho de 1906.

¹⁶ Jornal *Diário de Notícias*, Salvador, 20 de junho de 1906.

O futebol popular e as elites soteropolitanas

O envolvimento popular no futebol soteropolitano não se restringia apenas às ruas. Cada vez mais a presença destes grupos se manifestava em outros lugares, principalmente àqueles reservados ao futebol elitizado. No denominado salubre e *chic* distrito de Nazareth, no Campo da Pólvora, local onde ocorriam os jogos do campeonato da LBST, não existia uma separação rígida entre os torcedores e jogadores, apenas um cercado os separava. O Campo também era público, qualquer interessado poderia assistir. Desta forma, as pessoas que desejassem invadir o campo por algum motivo poderiam fazê-lo. Logo na primeira partida do campeonato de 1905, uma invasão aconteceu. Com isso, o *Diário da Bahia*, na segunda partida, além de informar o horário e o nome dos contendores entre os *teams* São Salvador e Internacional, pediu também para o “público não invadir o campo de jogo durante o *match*, pois tanto atrapalha os jogadores quanto impossibilita as famílias de ver”.¹⁷ Podemos concluir pela nota que o modelo de comportamento, que envolvia uma torcida educadamente sentada nas cadeiras, facilmente poderia ser maculado. Um torcedor insatisfeito com uma jogada, um lance ou uma decisão do juiz poderia atravessar o cercado e tirar satisfações com árbitros e/ou jogadores.

Se logo no primeiro torneio o *Diário da Bahia* queixava-se da invasão de campo, podemos inferir que este tipo de incidente preocupava bastante os clubes, torcedores abastados e principalmente os jogadores. Tal preocupação é corroborada, sobretudo, nos jogos e torneios subsequentes nos quais a imprensa, vez ou outra, queixava-se do comportamento de alguns torcedores, solicitando, inclusive, o policiamento em dias de jogo. Por estes incidentes, os dirigentes e organizadores do torneio da LBST pareciam prever que a interferência de

¹⁷ Jornal *Diário da Bahia*, Salvador, 16 abril de 1905.

torcedores indesejáveis poderia ocasionar grandes contratempos no seu futebol. E foi o que aconteceu.

Em uma tarde de domingo, 10 de junho de 1906, foi realizada a sexta partida do campeonato daquele ano, entre Vitória e Internacional. A princípio, a partida deveria ser uma das mais animadas e disputadas. O Vitória era um dos clubes de maior torcida naquele período, além de ter um time bem treinado. Já o Internacional fora o campeão do certame anterior sem perder um jogo. A partida tinha todos os elementos para ser um grande espetáculo. Contudo, o que os jogadores e torcedores de ambos os times viram naquele dia, segundo seus próprios relatos, foi uma sucessão de atos indecorosos e constrangedores. O motivo das indelicadezas foi o comportamento extremamente hostil de alguns torcedores para com os jogadores do Internacional. O *Diário de Notícias* relatou o incidente:

É de lamentar que uma malta de desocupados perturbem as belas partidas a que o público ocorre tão cheio de curiosa satisfação, prejudicando os movimentos dos jogadores, fazendo-os escutar ofensas quando perdem e dando triste ideia dos nossos foros de civilização. Convém notar que o Internacional é composto de ingleses que devem ter de nossa parte, como hospedes que são, todas as distinções. Achamos que a polícia bem podia sanar esta inconveniência que vai se tornando um péssimo costume¹⁸

Outro jornal, segundo Aroldo Maia, ainda vai mais longe, revelando detalhes do comportamento lamentável da torcida naquele jogo.

No *match* de futebol ontem realizado houve diversos espectadores que estiveram dignos de censura. Os referidos grupos desrespeitaram um dos clubes que jogavam chegando até ao abuso de atirarem para dentro do campo PEDRAS, CHINELOS, BENGALAS, etc., o que não é compatível com o crédito desta cidade. Demais jogaram ontem um apreciado clube de estrangeiros em sua maioria, portanto nossos hospedes, dignos de todo acatamento além do que o movimento esportivo que tão destacadamente vem se desenvolvendo entre nós muito precisa do concurso de todos para o estímulo dos seus adeptos. Isso é de péssimo efeito e será para lamentar que entre nós o futebol não possa continuar ou que se realizem as partidas de campeonato em campo particular.¹⁹

Por estes trechos notamos que os articulistas dos principais diários de Salvador ficaram estarecidos com um elemento que lhes era desconhecido até aquele momento no campeonato. As ofensas dirigidas aos jogadores ingleses, além das pedras e chinelos apontam

¹⁸ Jornal *Diário de Notícias*, Salvador, 11 de junho de 1906.

¹⁹ MAIA, Aroldo. Originais do Almanaque esportivo da Bahia, [s.d], [s.p.].

para a rivalidade que alguns torcedores começaram instituir entre os times. Embora os clubes possam, em alguma medida, controlar e regular a participação de indivíduos, aqueles não tinham o poder de determinar quem seriam os seus torcedores. Mesmo que uma pessoa não fosse associada a um clube, esta poderia torcer por uma determinada agremiação da forma que bem entendesse. Neste caso vimos que o modo como alguns indivíduos demonstravam seu apreço aos seus clubes prediletos era fundamentalmente diferente da maneira como as elites entendiam o comportamento adequado de uma torcida. O incidente também aponta para um acirramento de identidades nacionais entre brasileiros e bretões, o que possivelmente influenciou pessoas não necessariamente populares. Basta observar que uma bengala, objeto típico das elites e classes médias, fora jogado no campo. Pela impossibilidade de controle dos torcedores, os jornais, como o *Gazeta do Povo*, sugeriam um policiamento ostensivo nos dias de jogo para evitar novos imprevistos:

Não podemos concluir a noticia da bella d hontem, sem censurar uma malta de garotos que entenderam de fazer manifestações de desagrado aos distinctos sportmen inglezes, que se bateram com o Victoria. É de bom aviso chamar a attenção da policia, desde quando aquelles indivíduos acham que numa festa de civilização, entre moços, todos dignos, é azada a occasião para elles darem arrhas [sic] ao seu mal comprehendido bairrismo.²⁰

Talvez uma das principais lamentações dos periódicos relacione-se como o fato de que o clube hostilizado era composto por ingleses. Em todas as notas temos uma sensação de subserviência para com os ingleses, uma vez que estes, pela origem europeia, são os referenciais de bom comportamento e civilidade, além de serem os inventores do futebol moderno.

O que se seguiu após este inconveniente foi a desistência do Internacional no campeonato de 1906. Porém, os outros clubes fizeram o possível para que os ingleses não abandonassem a competição. Entre as tentativas, encontramos a ata de uma assembleia da LBST realizada em uma quarta-feira, quatro dias após a partida. Transcrita pelo *Diário de Notícias e Gazeta do Povo*, o documento revela os argumentos utilizados pelos outros clubes

²⁰ Jornal *Gazeta do Povo*, Salvador, 11 de junho de 1906.

para que o Internacional desistisse de sua ideia. Alguns clubes, inclusive, pensaram em abandonar a competição em solidariedade ao clube inglês. Segue um trecho do documento:

A Liga Bahiana dos Sports Terrestres profundamente penalizada com a resolução tomada por esse club, a qual lhe é comunicada pelo vosso officio de 12 do corrente, vos vem declarar que faz seus os sentimentos de que vos achaes possuidos. Por terdes sido injustamente molestados por populares da mais baixa esfera social, no domingo ultimo no Campo dos Martyres, pedindo-vos, entretanto, a reconsideração desse acto pelos motivos que vae alludir: A falta de comprehensão precisa dos mais simples deveres da educação nesses desherdados da sorte e da sociedade; a carencia de um policiamento efficaz no Campo dos Martyres em dias de partida, inconveniente este, que vae ser sanado em vista das ordens terminantes dadas a este respeito pelo sr. dr. chefe de policia; a ignorancia do nosso povo, pouco habituado ainda a esses jogos que elle applaude ou censura, conforme a sua acanhada percepção e suas irrefreaveis sympathias.²¹

O que mais chama atenção na ata é a afirmação taxativa de que os populares da mais baixa esfera social, devido a sua falta de compreensão, nada entendem sobre o verdadeiro significado do futebol. Com isso, há uma tentativa de minimizar a atitude dos populares, uma vez que os próprios, desconhecendo o sentido civilizatório do esporte, “aplaude ou censura, conforme a sua acanhada percepção”. Enfim, quando não são os jornais que procuram distinguir o “bom” do “mau” futebol, os próprios clubes e jogadores o faziam.

Apesar das argumentações, a decisão do Internacional não foi revogada. Uma última possibilidade para a continuidade dos ingleses era a privatização do campo na tentativa de evitar pessoas indesejáveis. No entanto, a cobrança de ingressos no torneio ocorreu apenas em 1907, quando os jogos foram transferidos para o campo do Rio Vermelho. Assim os ingleses deixaram a competição, embora permanecessem filiados à LBST. O campeonato prosseguiu já com algumas modificações quanto ao policiamento e segurança do campo para os jogos seguintes. Em partida no dia 3 de julho de 1906 o jornal *A Bahia* informava que o “campo esteve rigorosamente policiado, superintendendo o serviço o capitão Osorio Espinheira, auxiliado pelo alferes Alexandre Miranda.”²²

²¹ Jornal *Diário de Notícias*, Salvador, 15 de junho de 1906.

²² Jornal *A Bahia*, Salvador, 03 de julho de 1906.

O conturbado episódio envolvendo o Internacional, em si, demonstra a força da presença popular no futebol. Para além da rua, a apropriação popular da prática esportiva se dava também em espaços oficializados como o Campo da Pólvora.

O futebol pela cidade...

A partir de 1906 é possível verificar uma ampliação quanto à força e expressão das práticas futebolísticas não oriundas das elites. Se a princípio, refiro-me aos anos de 1901 a 1905, a expressividade do esporte entre os populares e os segmentos médios restringia-se a rua e, ocasionalmente, às aparições quase sempre conturbadas nas partidas da LBST, de 1906 a 1912 o envolvimento popular no futebol transcende os limites então estabelecidos.

Inicialmente ocorre um processo intenso de formação de diversos clubes não pertencentes a alta sociedade. O *Diário de Notícias*, durante 1906, noticiou a fundação de mais de vinte clubes.²³ A intensidade e a rapidez com que surgiam novos clubes foi alvo de algumas críticas por parte de determinados grupos em Salvador:

Parece-nos que algumas pessoas se estão utilizando de nossas colunas para dar largas a seu genio pilherico, nem sempre de bom gosto.

Assim é que raro é o dia que não recebemos duas e mais comunicações da fundação de novos clubs de *foot-ball*, alguns dos quaes, segundo nos informam, não existem absolutamente.

Se em tudo neste mundo o exagero é sempre condemnavel, forçoso é confessar que, no caso dos clubs de *foot-ball*, pretensos ou reaes, a desgraça será a fartura, como já dizem.

Varios moços nos têm vindo declarar que não fazem, nunca fizeram parte de club algum, dos muitos têm sido annunciados ultimamente.

Entre elles o Sr. Alvaro Soares Bahia, distincto 3º annista de engenharia , o qual nos dirigiu a seguinte carta:

Ilmos. Srs. Redactores do Diario de Noticias, - havendo em lido o vosso conceituado orgão de publicidade a noticia da escolha do meu nome para o cargo de 1º secretario do Gaymbé *Foot-ball* Club, me cumpre vos scientificar de que não pertengo ao referido club, e muito menos dei ou dou a minha (sic) para tal escolha.

Outrosim, lamento sobremodo a facilidade usada em semelhante acto contra o qual protesto.

²³ Entre os clubes noticiados pelo *Diário de Notícias*, encontramos: Ceará *Foot-ball* Club, Caymbé *Foot-ball* Club, Sport Club Santa Cruz, Fluminense *Foot-ball* Club, Sport Club Java, Ideal *Foot-ball* Club, Sport Club Patria, Sport Club Olinda, Sport Club Phebo, Sport Club Paraíso, Grupo *Foot-ball* Chile, Sport Club Republicano, Sport Club Liberdade, Sport Club Primavera, Athletico *Foot-ball* Club, Derby *Foot-ball* Club, Ceci *Foot-ball* Club, *Foot-ball* Club Transwall, Sport Club União e Sport Club Athenas.

Agradecendo-vos a publicação desta e vos assegurando a minha subida consideração, sou admirador e amigo – Alvaro Soares Bahia.
25-07-1906.²⁴

Quando da afirmação, corroborada pela carta, que a desgraça do futebol seria o exagero no surgimento de novos clubes, o jornal buscou defender de certa forma a permanência do status elitizado do futebol em Salvador. O surgimento de novos clubes macula justamente a ideal de distinção que os grupos abastados desejavam para o esporte. Além disso, a prática futebolística, segundo os jovens endinheirados, não deveria ser realizada por qualquer pessoa. Era exigido de acordo com os estatutos de alguns clubes de elite um nível moral e social considerável para a sua prática. Se já não bastasse o futebol praticado nas ruas, a presença de novos clubes que não necessariamente seguiam um rigor quanto à seleção dos seus adeptos e associados seria considerado um risco, uma vez que o ideal de civilidade estaria ameaçado justamente pela presença de pessoas sem o nível necessário.

Outro aspecto ressaltado pelo periódico e que merece a nossa atenção é que os novos clubes fundados não tinham uma origem na alta sociedade de Salvador. A própria afirmação indignada de que não faz ou fez parte de clube algum do Sr. Alvaro Soares Bahia demonstra que muitas vezes alguns clubes não apresentavam configurações semelhantes a de grandes clubes como o Esporte Clube Vitória ou São Salvador. Aqueles poderiam ser formados para jogos esporádicos sem a pretensão de se tornar uma grande organização com muitos sócios e/ou atividade social intensa. A existência de clubes com esta característica seguramente levou o jornal a questionar a existência em absoluto de determinadas organizações esportivas.

Contudo, mesmo com bases próprias, estas organizações eram espaços nos quais determinados grupos sociais, considerados sem condição social, moral ou econômica para frequentar grandes clubes, poderiam praticar o futebol legitimamente. (Pereira, 2002) Vale ressaltar que algumas agremiações não representavam apenas os grupos mais pobres. Geralmente algum comerciante ou pequeno industrial poderia financiar um clube modesto e

²⁴ Jornal *Diário de Notícias*, Salvador, 26 de julho de 1906.

geri-lo. Todavia, tais clubes, mesmo formados por alguns setores das elites, constantemente negociavam em alguma medida a participação e inserção de sujeitos populares. Este é o caso do Fluminense e Ypiranga, fundados em Salvador respectivamente em 1905 e 1906. Embora ambos fossem dirigidos por pessoas de maiores condições econômicas e até sociais, os seus jogadores e, principalmente, torcedores poderiam pertencer a setores modestos, como estivadores, pequenos comerciantes, operários e artesãos.

Certamente, a quantidade de novas organizações futebolísticas ampliou consideravelmente a presença do futebol pela cidade. Se no início os jogos eram realizados em espaços nobres, como o Campo da Pólvora, em 1906 os jornais informavam a realização de partidas em vários locais da cidade e não apenas nos domingos ou feriados, datas consagradas pelos clubes da LBST.

Além disso, a fundação de agremiações consideradas menores possibilitou que os seus adeptos tivessem um espaço legitimado para o cultivo do jogo. Podemos supor que muitos dos sujeitos perseguidos por policiais nas ruas encontraram nas organizações futebolísticas modestas um espaço autorizado para a prática. É neste momento que por volta de 1907 e 1908 surgem em Salvador outras ligas futebolísticas, como a Liga Sportiva Nacional e a Liga Itapagipana. Estas não eram tão noticiadas nos jornais, comportavam clubes modestos e pareciam buscar um espaço legítimo no futebol para os populares.²⁵

Quando os jornais não se preocupavam exclusivamente em criticar as aparições populares no futebol soteropolitano, encontramos notícias que revelam o envolvimento destes grupos por outros prismas. Na segunda edição do campeonato baiano da LBST, o jornal *Gazeta do Povo* passou a publicar colunas do articulista denominado John. Intituladas de *Shoots and hands* infelizmente duraram poucas edições, mas as que circularam apresentam minuciosamente alguns aspectos do cotidiano do futebol, do campeonato, além, obviamente,

²⁵ Infelizmente não foram encontradas notícias detalhadas ou crônicas sobre os jogos destas Ligas, apenas escassas informações sobre os resultados de alguns jogos. Porém é sabido que alguns dos mais de vinte clubes noticiados pelo *Diário de Notícias* faziam parte de uma destas Ligas.

das opiniões do articulista. Uma coluna em especial chama atenção para o detalhismo do autor em relação aos frequentadores dos jogos de futebol:

As tardes de foot-ball são um encanto.
A cidade, encafuada durante uma semana, atopeia as ruas. Os bonds que levam ao campo, transbordam.
Ha uma agitação ruidosa e atrativa.
(...) Todo o encanto das festas sportivas, está no aspecto variado da multidão que assiste aos matchs.
A's soirées da Tomba vão as damas elegantes e os cavalheiros educados. A noite burgueza é a de sabbado, quando o proletario, tresuando das fadigas da semana, leva a prole a admirar as graças do Furlai.
O foot-ball, não. Ha uma variedade scintillante na multidão que o admira.
Ha anglomanos de roupas flanantes e commendadores de croisée e calças brancas.
Vão senhoritas viajadas, tagarelando em inglez, commentando as recepções ao embaixador, os robes de mme. fulana e as linhas da casaca do gentleman sicrano.
Rodam carruagens floridas, ornadas das côres symbolicas do club predilecto. No domingo ultimo, ouviu-se o fom fom de um automovel.
Foi a grande attracção.
Nesse meio de elegancia e fausto, fazem tambem seu rende-vous as nossas patricias modestas, dos bairros suburbanos.
Ha senhoritas da Victoria, de São Pedro e Nazareth, como do Sangradouro e Páu Miudo.
Ah! as nossas patricias do Páu Miudo, como enfeitçam o campo. Ellas tambem entendem a thecnica do jogo. Hontem, quando uma bola ameaçava vazar o *goal* do Santos Dumont, uma dellas, gritou "*no ball, it is off side*"
Como são encantadoramente anglomanas as nossas patricias do Páu Miudo.²⁶

Nota-se que esta crônica, voluntariamente ou não, apresenta o envolvimento popular no futebol não ligado às atitudes condenáveis pelos jornais e mesmo pelos membros da LBST. Isto parece demonstrar que a condição social ou econômica das pessoas não impedia o entendimento da prática. A perícia de uma das senhorinhas do Pau Miúdo, um bairro popular, em saber quando um gol é anulado aponta para uma das principais características do futebol: uma prática "universalizante".

É possível afirmar que a facilidade do entendimento do futebol era tamanha que sua inteligibilidade não fazia distinções de gênero, raça e classe. É neste sentido, portanto, que o nosso cronista encontra motivos suficientes para afirmar o encanto das tardes de *foot-ball*. Naquele período, mesmo a linguagem futebolística sendo em inglês,²⁷ não existiam muitos

²⁶ Jornal *Gazeta do Povo*, Salvador, 30 de julho de 1906.

²⁷ Enquanto sinal de distinção e até por desconhecimento de outros termos semelhantes, o início o futebol no Brasil preservou-se a linguagem inglesa. Portanto, goleiro era *goalkeeper*, impedimento era *off-side*, falta era *foul* e assim em diante. Mais informações podem ser encontradas em João Carlos Alfredo (1996).

empecilhos para o entendimento das leis do futebol. Graças à dinâmica do jogo, as senhorinhas suburbanas da crônica de John não tinham muitas dificuldades em saber quando um gol era invalidado devido a um impedimento, chegando até a dizer expressão que correspondia a esta irregularidade. Ademais, o conhecimento das senhorinhas do Pau Miúdo é uma resposta aos membros da LBST que, durante o incidente ocorrido com o Internacional, afirmaram a total ignorância popular em relação às leis e regras do futebol.

Se até o momento alguns aspectos que marcam o futebol como o fácil entendimento das regras e a facilidade do jogo em relação aos materiais utilizados para a sua prática contribuíram para a sua difusão pela cidade e apropriação pelos diversos grupos sociais, o caráter imprevisível e a conseqüente ideia de que o desfecho de uma partida não encerra as discussões sobre a mesma colaboraram consideravelmente para o surgimento de novas representações sobre o futebol, bem como novas sensibilidades.

Na primeira edição do campeonato, por exemplo, um torcedor, insatisfeito com as decisões do juiz na partida entre Esporte Clube Vitória e Bahiano, escreveu uma carta a um jornal da cidade. Transcrita pelo memorialista Aroldo Maia, o documento continha tais dizeres:

Sr. Redator:

Valho-me de vossa generosidade para reclamar uma falta muitas vezes repetida na última partida. O Sr. Mac Nair, juiz, ao passo que deu mais de um *hands* contra o Vitória, deu apenas dois ou três contra o Bahiano. No entanto, o que assistiram a partida viram muito número de vezes distintos jogadores do Bahiano derem fous com prejuízo do Vitória.

Certo de que o vosso independente órgão não se excusará (sic) a publicação destas linhas, sou de V. Exa. admirador muito obrigado.

Um leitor.²⁸

A inquietação do leitor pelo fato do juiz não marcar faltas (*fouls*) em favor do Vitória, além de ter marcado apenas dois ou três toques de mão (*hands*) pelos jogadores do Bahiano, aponta para o surgimento de novas representações em torno do futebol, ligadas ao surgimento da ideia de competitividade. A insatisfação do leitor em ter seu time lesado nos

²⁸ MAIA, Aroldo. Originais do Almanaque esportivo da Bahia, [s.d], [s.p.].

parece ser um indício revelador de que as preocupações dos torcedores, jogadores e cronistas estariam voltadas não só para a celebração da civilidade e cavalheirismo como ideal pedagógico, mas também para o caráter competitivo, justamente pelo fato de o resultado de uma partida de futebol não traduzir necessariamente a realidade desta.

Talvez um fato que tenha contribuído largamente para a intensificação da noção de competitividade foi o surgimento do próprio campeonato da LBST e de outras ligas menores. Com a existência de competições, o interesse em vencê-las de certa forma atiçou as rivalidades com jogos mais disputados e acirrados. As competições fizeram surgir um maior interesse nas vitórias e cresceram as discussões sobre as questões polêmicas dos jogos. Gradativamente, os jornais passaram a comentar as atuações dos árbitros, questionando e criticando suas decisões, quando não os próprios torcedores o faziam como na carta anteriormente citada.

Enfim, paulatinamente a noção de competitividade engendrou novas representações no dito “bom” futebol. Nos campeonatos subsequentes a 1906, os jornais já não se preocupavam somente em comentar a beleza da torcida, as senhorinhas e seus vestidos e outros aspectos civilizados, mas, sobretudo, os lances ambíguos e as pequenas crises entre os clubes da LBST, resultantes de arbitragens “parciais” e “desastrosas” que produziam resultados injustos e desleais. A popularização do futebol trouxera consigo práticas até então pouco usuais no “futebol correto”.

Todo este processo parece alcançar um nível crítico no certame de 1910. A competição chegava aos seus momentos finais com a seguinte situação: O São Paulo, clube organizado pelos estudantes de medicina, estava com 13 pontos, seguido do Sport Club Santos Dumont com 12. A penúltima partida do campeonato seria disputada entre o Esporte Clube Vitória e o Santos Dumont. Caso o primeiro ganhasse, os estudantes de medicina seriam os campeões. Em caso de perda, o Santos Dumont levaria o título. O problema surgiu

com a escolha do árbitro da partida. Naquele período, os juízes eram os próprios jogadores, sendo escolhido para aquela partida Fernando Salles, jogador do São Paulo. Segundo os jornais a partida foi muito tensa com muitos lances polêmicos. O juiz acabou marcando uma penalidade máxima em favor do Vitória, que, segundo os jornais, não existiu. O pênalti foi convertido resultando no gol da vitória rubro-negra, dando o título conseqüentemente ao São Paulo. Além disso, dizem os periódicos que existiu um pênalti em favor do Santos Dumont que não foi marcado. Segundo Aroldo Maia (1944), “O juiz passou mãos quartos de hora e segundo afirma-se teve de deixar o gramado escondido para evitar o sururu” (1944: 18). Este incidente gerou muitas críticas por parte da imprensa, principalmente do *Gazeta do Povo*:

O referee desse disputadissimo match foi o foot-baller Fernando Salles Gomes, do São Paulo, que foi incorreto.

Muito parcial, determinou um penalty-kick contra o Santos Dumont, no entanto, não marcou um dado pelo half Silvino, do Victoria que se achava na linha de penalidade.

Bem o vi (sic) porém, para confirmar a sua parcialidade, não cumpro o seu dever de juiz.

Além disso, houve outros hands dados bem na porta do goal do Victoria por jogadores deste club.

É lamentavel que adeptos exaltados do Santos Dumont vaiassem o referee pois, isso, podia se ter evitado.

Escolhessem para dirigir o jogo um socio do Rio Vermelho ou do S. Salvador, que nenhum interesse tinham no match que ante hontem se disputou e nada d'isto se teria dado; mas quem poderia pensar que o referee Salles deixaria de ser um *sportman*?

(...) Consta-nos, entretanto, que hoje, na Liga, talvez seja annullada a partida de domingo, devendo-se encontrar de novo os dois valentes clubs, que nada têm que ver com a incorrecção do juiz.²⁹

E realmente a partida foi anulada. Em dezembro do mesmo ano foi realizado o jogo derradeiro no qual saiu vencedor o Santos Dumont, sagrando-se o verdadeiro campeão daquela temporada. Na íntegra a crônica acima também traz dados sobre a beleza do jogo. Contudo, estes aspectos que outrora predominavam, têm que dividir espaço com outras sensibilidades que a ideal de competitividade estava levando ao futebol. É possível notar neste processo um típico choque de representações entre o sentido civilizador e competitivo do futebol. Na nota existe uma lamentação do periódico ao perceber que o juiz, sendo parcial

²⁹ Jornal *Gazeta do Povo*, Salvador, 24 de agosto de 1910.

para o benefício do seu time, feriu os princípios do cavalheirismo deixando de ser um *sportman*.

Se entre os campeonatos de 1906 e 1910 os sentidos civilizador e competitivo do futebol convivem meio que conflituosamente, nos certames da LBST de 1911 e, principalmente, 1912 a competitividade chega a limites nunca vistos. Neste último ano diversas partidas foram anuladas, vários jogadores foram suspensos por condutas que contrariavam os estatutos, além da violência nos jogos, com agressões entre jogadores, torcedores e árbitros. Uma nota de um periódico transcrita por Aroldo Maia (1944) resume a situação do campeonato de 1912:

Infelizmente depara-se-nos ainda oportunidade para lamentarmos os fatos que se passam no Rio Vermelho em quase todos os matches. Até já parece que isso faz parte do programa do campeonato deste ano. Outro dia numa partida entre os clubes Bahia e Atlético deu-se vergonhoso incidente de que já tratamos; penúltimo match, entre os clubes Vitória e São Salvador, houve novos incidentes não nos reservamos para tratar em outra ocasião que agora chega; e no ultimo reproduziu-se o fato de caráter sério. E no pé que vai queria Deus, não tenhamos de lamentar resultado mais funesto e mais triste. Afirmamos tanto porque nesses incidentes em que jogadores e Juizes agredidos e insultados ou se engalfinham, há sempre sacamento de revólveres até mesmo tiros.

O que não pode nem deve é continuar no curso em que vai a fiscalização do Ground do Rio Vermelho; se ali necessite o policiamento indispensável ele é feito; si no field há uma representante da Liga, um juiz, ele não se faz imponente, assim torna-se necessário que o Sr. (sic) mande um Delegado aos domingos assistir aos matches de futebol para a garantia dos que ali procuram um divertimento.(1944, 20)

A fonte parece indicar que o ideal de cavalheirismo, que ao longo dos anos foi construído e difundido pelas elites, perdeu consideravelmente o sentido diante do saque de revólveres e tiros.

De fato, a partir de 1909, ano após ano, a quantidade de clubes participantes da LBST aumentou. Segundo Ricardo Azevedo (2008), “os novos participantes do campeonato eram equipes formadas por empregados da indústria e do comércio e outros grupos menos favorecidos na sociedade” (2008: 91) Todavia, mesmo com a presença de clubes menores, ainda permaneciam os grandes, a exemplo do Vitória e do São Salvador. O convívio, tanto das grandes, quanto das pequenas organizações, em um mesmo campeonato é um forte

indício de como o que se pensava e sentia sobre o futebol estava mudando. Alguns clubes modestos que outrora tinham a sua existência questionada pelos jornais agora compartilhavam o mesmo campeonato com as agremiações poderosas. A popularização do futebol e sua expansão pela cidade alcançaram novos níveis, criando situações que as elites com seus estatutos seletivos e outras distinções já não podiam evitar nem contornar.

Um das poucas saídas que restavam aos clubes da alta sociedade soteropolitana seria o abandono do campeonato ou a extinção da própria LBST, o que, de certa forma, aconteceu. Já em 1911, o Sport Club Santos Dumont, fundado em 1904 por estudantes do Ginásio Bahiano, de Escolas Superiores e comerciantes, presente na competição desde 1906, abandonou o torneio da LBST. Com o campeonato de 1912 chegando a situações insustentáveis, o final do torneio também determinou a extinção dos campeonatos que seriam realizados nos anos seguintes. Pelo que se sabe, a LBST não foi extinta, apenas encerrou as atividades ligadas ao futebol.³⁰ Aos grandes clubes como o Vitória e São Salvador restou a dedicação a outros esportes, a exemplo do remo, prática sem muita interferência popular.

Esta situação parece ter ocorrido em outros lugares do Brasil. No Rio Janeiro o goleiro do Fluminense Foot-ball Club Marcos Mendonça, ícone do futebol das elites abandonou a prática justamente pela forte presença popular no futebol carioca e a deturpação dos sentidos civilizados (Pereira, 1996: 13).

O fim do principal campeonato da cidade, idealizado e fundado pelas elites, evidencia como o futebol e as suas formas de vivência, principalmente a partir de 1906, destoavam e muito das representações iniciais dos seus introdutores. Segundo Aroldo Maia (1944), até 1908 “só jogava futebol o que a Bahia possuía de mais fino na sua sociedade” (1944: 22) Vimos, entretanto, que já em 1906 o futebol começava a ser praticado e apropriado por vários sujeitos sociais. Passando pelos “moleques” e “vadios” até a formação dos clubes e

³⁰ Como regulava os esportes terrestres a LBST dedicou-se a outros esportes como as corridas a pé e outras modalidades.

campeonatos populares, tornou-se inevitável a expansão do futebol pela cidade e o consequente aparecimento de novas sensibilidades e sociabilidades que não eram bem quistas pelos grã-finos. Um relato de um jogador baiano da época, o Dr. Wilobaldo Campos, dá pistas sobre a insatisfação destes grupos:

Todos os conjuntos eram formados por amadores. Havia na organização deles, a mais rigorosa e escrupulosa seleção, por isso mesmo que não eram admitidos em absoluto o “profissionalismo” (mesmo disfarçado) nem a inclusão nas equipes e mesmo nas sociedades de pessoas que não fossem qualificadas e de reconhecida situação social.

As comissões de sindicância trabalhavam de verdade! Eram rapazes empregados no Comercio, academicos de humanidades e dos cursos superiores que faziam o esporte com amor ao esporte para a vitória das cores que defendiam valentemente e com galhardia, convencidos de que não eram eles somente um signal, emblema ou distintivo, mas a própria honra da agremiação a que pertenciam. (MAIA 1944, 23)

A expansão do futebol em Salvador alterou fundamentalmente o perfil social dos praticantes deste esporte. Inevitavelmente, os acadêmicos e empregados no comércio tiveram que compartilhar o universo futebolístico com sujeitos modestos como operários e artesãos, entre outros indivíduos oriundos dos segmentos populares. A lamentação em tom nostálgico do Dr. Wilobaldo está ligada ao fato dos populares não necessariamente compartilharem dos seus ideais civilizados e românticos. A denúncia, nas entrelinhas, do profissionalismo disfarçado é um exemplo da atribuição de novos sentidos que eram rejeitados pelas elites. Com tantas novas práticas, representações e apropriações no futebol soteropolitano, aos homens e mulheres abastados que não estavam dispostos a conviver com este novo momento restou o refugio dos esportes mais restritos como o remo, o críquete e o tênis.

Considerações finais

A leitura das fontes a respeito do futebol popular em Salvador no recorte temporal estabelecido nos fez argumentar em torno de algumas proposições. De início diríamos que a civilidade e modernidade se revelaram no futebol soteropolitano de modo bastante heterogêneo e não raramente enfrentando tensões e conflitos com a gradual inserção popular naquele esporte. Embora o ideal da modernidade seja um denominador comum quando

analisamos a chegada do futebol no início do século XX nas principais cidades brasileiras, é preciso ressaltar que cada cidade experimentou de forma bastante particular tanto a presença do futebol como o envolvimento com as configurações socioculturais modernas. (JESUS, 1998) Neste sentido, o processo de modernização, urbanização e articulação com os modelos modernos em terras baianas parece não ter encontrado tanto vigor quanto em outras cidades brasileiras, como São Paulo e Rio de Janeiro. Afinal, Salvador vivenciou desde os tempos imperiais um processo gradual de estagnação política e econômica, o que contribuiu para a sua conturbada tentativa de inserção na chamada modernidade. (AGUIAR, 1977) De alguma forma, estas peculiaridades da capital baiana podem ter favorecido a rápida popularização do futebol.

Além destes aspectos, é possível considerar que a popularização do futebol ocorreu devido a facilidade na prática e entendimento do esporte. Desde a instituição do futebol moderno em 1863 as regras estabelecidas foram marcadas pela simplicidade. O conceito básico permanece até hoje: doze jogadores em um campo retangular, com medidas pré-determinadas, disputam um objeto esférico, sagrando-se vencedor aquele que em um tempo estipulado colocar o objeto mais vezes em uma balizada adversária de dimensões também determinadas. Atualmente são dezessete regras que regem o futebol. Em mais de cem anos de história, este esporte praticamente não passou por grandes alterações. No início eram vinte e três regras, mas décadas depois foram instituídas duas mudanças fundamentais, o surgimento do impedimento e do goleiro, único jogador que pode deter a bola com as mãos (Murray, 2000; Franco Júnior, 2007). Para ter uma dimensão da simplicidade do futebol basta compará-lo com outros esportes: O críquete, em voga em Salvador antes da chegada do futebol, no passado era composto de muitas regras e atualmente contém cerca de quarenta e duas regras e sub-regras que compõem as principais. Já as partidas de futebol americano são tão complexas

que são necessários vários juízes para analisar as jogadas. Em alguns momentos estes utilizam o auxílio de filmagens para a análise de jogadas que podem durar horas.

Enfim, as peculiaridades da capital baiana associada à dinâmica do futebol contribuíram para a popularização deste esporte de um modo que surpreendeu as elites, que viam tal apropriação com receio. Após 1912 as novas ligas e novos clubes continuaram surgindo e fomentando novas práticas e representações acerca do futebol. As elites, embora dedicadas a praticar o críquete, o remo e o tênis, ainda jogavam o futebol, mas sem a mesma intensidade de tempos anteriores, por enquanto...

Referências

ALFREDO, João Carlos. 1996. *Futebol futebóleres: uma representação do esporte na literatura brasileira nas décadas de 1910 e 1920*. Dissertação de Mestrado em Teoria Literária, Instituto de Estudos da Linguagem, Unicamp.

AZEVEDO, Ricardo. 2008. *Eu sou um nome na história: a história do Esporte Clube Vitória. Tradição – 1899 – 1939. Da fundação ao fim do amadorismo*. Salvador: ALPHA CO.

BAKHTIN, Mikhail. 1993. *Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento: O contexto de François Rabelais*. 3ª ed. São Paulo: HUCITEC; Brasília: Editora da Universidade de Brasília.

BARREIROS, Márcia da Silva. 1997. *Educação, Cultura e Lazer das Mulheres de Elite em Salvador, 1890-1930*. Dissertação de Mestrado em História, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia.

BRAGA, Júlio Santana. 1996. *Na gamela do feitiço: repressão e resistência nos candomblés da Bahia*. Salvador: EDUFBA.

CANCLINI, Néstor Garcia. 2006. *Culturas Híbridas: Estratégias para entrar e sair da modernidade*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.

CERTEAU, Michel de. 1994. *A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer*. Petrópolis, RJ: Vozes.

CHALHOUB, Sidney. 1986. *Trabalho, lar e botequim: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da belle époque*. São Paulo: Brasiliense.

COSTA, Jurandir Freire. 1983. *Ordem médica e norma familiar*. Rio de Janeiro: Graal.

ELIAS, Norbert & DUNNING, Eric. 1992. *A busca da excitação*. Lisboa: Difel.

FERREIRA FILHO, Alberto Heráclito. 1998-1999 “Desafricanizar as Ruas: Elites Letradas, Mulheres Pobres e Cultura Popular em Salvador, 1890-1937”. *Afro- Ásia*, (21-22): 239-256.

FERREIRA FILHO, Alberto Heráclito. 1994. *Salvador das Mulheres: condição feminina e cotidiano popular na belle époque imperfeita*. Dissertação de Mestrado em História, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia.

FRAGA FILHO, Walter. 1996. *Mendigos, moleques e vadios na Bahia do Século XIX*. São Paulo: HUCITEC; Salvador: EDUFBA.

FRANCO JÚNIOR, Hilário. 2007. *A dança dos deuses: futebol, cultura, sociedade*. São Paulo: Companhia das Letras.

FONSECA, Raimundo Nonato da Silva. 2002. “Fazendo fita”: *cinematógrafo, cotidiano e imaginário em Salvador, 1897 -1930*. Salvador: EDUFBA.

HALL, Stuart. 2003. *Da diáspora: Identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da Unesco no Brasil.

JESUS, Gilmar Mascarenhas de. 1998. “Futebol e Modernidade no Brasil: A geografia histórica de uma inovação”. *Lecturas: Educación Física y Deportes*, III (10) Disponível em <http://www.efdeportes.com/efd10/geoe.htm>. Acesso em 12 de outubro de 2009.

LEITE, Rinaldo Cesar Nascimento. 1996. *E a Bahia Civiliza-se...: ideais de civilização e cenas de anti-civilidade em um contexto de modernização urbana: Salvador, 1912-1916*. Dissertação de Mestrado em História, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia.

MAIA, Aroldo. 1944. *Almanaque Esportivo da Bahia*. Salvador: Helenicus.

MELO, Victor Andrade de. 2001. *Cidade "Sportiva"*. Rio de Janeiro: Relume Dumará/Faperj.

MURRAY, Bill. 2000. *Uma História do Futebol*. São Paulo: Hedra.

OLIVEIRA, Josivaldo Pires de. 2005. *No tempo dos valentes: os capoeiras na cidade da Bahia*. Salvador: Quarteto.

PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. 2002. “E o rio dançou. Identidades e tensões nos clubes recreativos cariocas (1912 – 1922)”. In: CUNHA, Maria Clementina Pereira da (Org.), *Carnavais e outras f(r)estas: ensaios história social da cultura*. Campinas: Editora da Unicamp.

PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. 2000. *Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro, 1902-1938*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. 1996. “Pelos campos da nação: um goal-keeper nos primeiros anos do futebol brasileiro”. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, X (19): 23-40.

REIS, João José. 1991. *A morte é uma festa: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX*. São Paulo: Companhia das Letras.

RODRIGUES, Andréa da Rocha. 2003. *A infância esquecida: Salvador 1900 – 1940*. Salvador: EDUFBA.

SEVCENKO, Nicolau. 1992. *Orfeu extático na metrópole: São Paulo: sociedade e cultura nos frementes anos 20*. São Paulo: Companhia das Letras.

UZEDA, Jorge Almeida. 1992. *A morte vigiada: a cidade do Salvador e a prática da medicina urbana, 1890-1930*. Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia.

VELLOSO, Mônica Pimenta. 2004. *A cultura das ruas no Rio de Janeiro, (1900 – 1930): mediações, linguagens e espaços*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa.